

# Onde está o teu irmão? Uma reflexão sobre o ressentimento a partir de Gn 4,1-16

*Where's your brother?  
A reflection on resentment from Gn 4,1-16*

*Marcelo Lessa*

## Resumo

O ressentimento é um tema que tem recebido a atenção de muitos estudiosos nos últimos três séculos. Percebe-se sua presença especialmente naqueles que promovem ou promoveram regimes totalitários, porque o megalomaniaco é sempre um ressentido. No campo teológico, parece haver muito campo para refletirmos acerca do tema. Por isso, este artigo se apresenta como contribuição nessa reflexão. Faremos uma análise hermenêutica do texto de Gn 4,1-16, sob o contexto das abordagens através das ciências humanas, mas também tendo como parâmetro a abordagem da libertação,<sup>1</sup> propondo uma meditação sobre ressentimento em sua origem a partir do pensamento judaico-cristão, tendo como fonte principal a Sagrada Escritura. O objetivo é fazer com que revisitemos a história de Caim e Abel sob a ótica do ressentimento, provocando-nos questionamentos a respeito da tragédia dos irmãos também em nossa sociedade e em nossas comunidades de fé hodiernamente; igualmente queremos indagar em quais momentos cada um de nós se comporta como algum dos irmãos em questão. Para isso, faremos uma breve abordagem do tema a partir da filosofia e da psicanálise para, então, nos debruçarmos na leitura do texto bíblico com um alicerce bem preparado.

---

<sup>1</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 66-78.

**Palavras-chave:** Ressentimento. Caim. Abel. Gênesis. Justiça.

## **Abstract**

Resentment is a theme that has received the attention of many scholars in the last three centuries. Its presence is noticeable especially in those who promote or have promoted totalitarian regimes, because the megalomaniac is always a resentful person. In the theological field, there seems to be a lot of room to reflect on this theme. For this reason, this article presents itself as a contribution to this reflection. We will make a hermeneutic analysis of the text of Gen 4:1-16, proposing a meditation on resentment in its origin from the Judeo-Christian thought, having as its main source the Holy Scriptures. The objective is to make us revisit the story of Cain and Abel from the point of view of resentment, provoking us to question ourselves about the tragedy of the brothers also in our society and in our faith communities today; equally, we want to ask ourselves in which moments each one of us behaves like one of the brothers in question. To do so, we will briefly approach the topic from the philosophical and psychoanalytical points of view, and then we will read the biblical text with a well-prepared foundation.

**Keywords:** Resentment. Cain. Abel. Genesis. Justice.

## **Introdução**

Na constante busca da humanidade pela origem do mal ou por uma explicação do motivo de tantas manifestações humanas que causam sofrimento ao próprio ser humano, muitas culturas recorrem às tradições religiosas tentando encontrar uma resposta para os tantos males que assolam o mundo. Na tradição judaico-cristã, a entrada do mal num mundo, até então perfeito, se dá pela participação do próprio humano prefigurado em Adão e Eva. Ainda que a perfeição do Criador marque profundamente sua criação, a mancha do pecado, trazida pela humanidade, fragiliza a relação entre Deus e o ser humano. A distância se faz cada vez maior: a criatura, feita à imagem e semelhança de seu Criador, já não reconhece a si mesma, sente-se completamente nua (Gn 3,10), porque, na ausência de Deus, tudo se torna vazio. A semelhança vai se

transformando em estranheza e a evolução da maldade, em seus primórdios, tem como ponto de partida a figura de Caim – filho de Adão e Eva –, que leva seu ressentimento às últimas consequências.

A história de Caim e de seu irmão, Abel, é muito conhecida, ainda que superficialmente, pelo brasileiro de maneira geral, certamente por causa da influência da religião na formação desse povo. Foi usada, inclusive, para formular um famoso ditado popular: “por inveja, Caim matou Abel”. Classificaremos mais adequadamente essa “inveja” do dito popular como ressentimento. O ressentido Caim, não suportando a relação de seu irmão com Deus, oferece resistência à superação da mágoa que o atormenta; no lugar da busca do aperfeiçoamento como pessoa humana, alimenta, nutre, aduba o ressentimento que brota em seu coração. Faremos uma análise do texto de Gn 4,1-16 não com o objetivo de falar sobre história de dois irmãos, mas analisar tal relato para entender a origem do ressentimento a partir da realidade dos modos de vida de dois povos em conflito por motivo religioso. Escolhemos esse texto porque ele é, justamente, o primeiro degrau da escalada do pecado.

## 1. Entendendo o ressentimento

O dicionário da língua portuguesa define o ressentimento como “sentimento mais ou menos persistente de desagrado com algo ou alguém; mágoa”. A partir desse conceito começamos a perceber que o ressentido é aquele que cultiva em si mesmo uma mágoa em relação a outrem que, supostamente, tenha lhe causado algum mal e como o ressentimento está latente na perícopa sobre a qual iremos refletir. Não que o autor bíblico tenha classificado a atitude de Caim como ressentimento, mas a leitura que aqui propomos quer trazer à tona essa amargura presente no fundo da alma do primogênito de Adão e Eva.

### 1.1. O ressentimento na filosofia de Nietzsche

Os conceitos de culpa e de má consciência a partir do pensamento nietzschiano podem iluminar, e muito, nossa caminhada pelas sendas do ressentimento que identificamos em Caim. O filósofo alemão faz um percurso pelo sentimento humano de justiça, não como punição para quem comete alguma espécie de crime, mas como uma condição de vingança pelo dano que

o criminoso causou; assim como os pais castigam seus filhos pela raiva que estes provocam, aquele que julga quer compensar sua dor com o sofrimento de quem a causou.<sup>2</sup> A psicanalista M. R. Kehl<sup>3</sup> em seu livro “Ressentimento”, faz uma abordagem acerca do tema que pode muito nos ajudar a relacioná-lo com o que propomos estar contido no coração de Caim. Logo nas primeiras linhas de sua obra, a autora apresenta, do ponto de vista filosófico, o ressentido como aquele que atribui ao outro a responsabilidade de seu sofrimento, antecipando a transferência de culpa a outrem por um possível fracasso futuro.<sup>4</sup> De fato, o ressentimento é o recurso em que o individualismo – no campo imaginário – sempre está em vantagem sobre o coletivo. Em outras palavras, o sujeito é prejudicado pelo indivíduo. Por isso, não podemos confundir a resignação forçada por regimes totalitários com ressentimento. Resignação ou revolta silenciada pertence à esfera do coletivo; ressentimento, ao indivíduo.

O “homem do ressentimento”, para F. Nietzsche, é aquele de conduta reativa, que carrega em seu íntimo a invenção da “má consciência”. Ao contrário, o homem ativo, segundo o filósofo, é aquele que está mais perto da justiça; através de sua postura forte, espontânea, estabelece-se a justiça pela instituição da lei, esta última que define o que é justo ou injusto, sob um caráter impessoal que faz valer sua autoridade (da lei) sobre o coletivo.<sup>5</sup> Então, se o homem ativo é aquele capaz de estabelecer códigos jurídicos, o ressentido – ou homem reativo – apresenta-se incapaz de articular a justiça, porque seu individualismo pressupõe-se acima das convenções sociais: o sujeito é sempre o alvo de qualquer ação, nunca o coletivo.

## 1.2. A psicanálise e o ressentimento

O ressentimento, segundo M. R. Kehl, “não é um conceito da psicanálise”, mas uma condição estabelecida pelo senso comum.<sup>6</sup> Entretanto, desde as contribuições de F. Nietzsche e M. Scheler<sup>7</sup> o ressentimento passa a

---

<sup>2</sup> NIEZTSCHÉ, F., *Genealogia da moral*, p. 48.

<sup>3</sup> Maria Rita Kehl é psicóloga formada pela USP e doutora em psicanálise pela PUC-SP.

<sup>4</sup> KEHL, M. R., *Ressentimento*, p. 9.

<sup>5</sup> NIEZTSCHÉ, F., *Genealogia da moral*, p. 59.

<sup>6</sup> KEHL, M. R., *Ressentimento*, p. 9.

<sup>7</sup> Max Scheler é um filósofo alemão dos séculos XIX e XX que discute as ideias de Nietzsche a partir do ponto de vista cristão.

povoar as pesquisas no campo psicanalítico e a produzir novas perspectivas ou novas propostas de estudos a respeito do tema.

A partir de um caso clínico, pesquisadores da PUC-RS fazem uma reflexão acerca do ressentimento.<sup>8</sup> O caso utilizado como exemplo é de um jovem – preferimos não mencionar seu nome –, caçula de três irmãos que perdeu seus pais ainda na adolescência. Em decorrência da morte dos pais, o jovem passa a receber duas pensões, o que possibilita seu ingresso no curso superior que sempre sonhou. Porém, ao completar 24 anos, ele perde o direito às pensões e essa passa a ser destinada ao irmão do meio por possuir uma deficiência que o impede de trabalhar. Com isso, o jovem em questão é obrigado a abandonar a faculdade, vai morar no exterior e, anos depois, retorna ao Brasil para concluir um curso técnico na mesma área da graduação interrompida. As dificuldades profissionais que surgem no decorrer da vida desse jovem são imediatamente transferidas para o fato de seu irmão deficiente receber as pensões sem dividi-las com ele. A morte precoce e o alcoolismo dos pais não são importantes. O que importa é classificar o irmão como perturbado, paranoico e frio em relação à morte dos pais. Na trajetória do caçula, toda a culpa de seus fracassos é atribuída ao irmão do meio.

No caso acima podemos perceber claramente as características do ressentimento, já vistas anteriormente, presentes no irmão caçula. Ele se apresenta como alguém que sempre transfere para o outro o possível fracasso em alguma de suas empreitadas. Também transparece uma fraqueza emocional que vai ao encontro da definição do caráter do ressentido proposta por Nietzsche: o ressentimento é típico do fraco. O jovem do qual falamos aqui tem sempre uma vingança por fazer acontecer, uma mágoa recalcada, desejosa, eternamente, de uma compensação, definida por Kehl como “tempo de vingança que nunca chega”.<sup>9</sup>

Em seu comentário sobre “sombras humanas”, C. Jung nos apresenta uma situação onde alguém pode fazer algo questionável de maneira que este ato se torne moralmente viável. Usa como exemplo uma situação hipotética onde uma pessoa rouba uma quantia de outra e depois devolve o valor corrigido, sem que o outro perceba que tenha sido roubado. Em tal circunstância, o “ladrão” ludibria a vítima, mas ali não há a sentença “pode” ou “não pode”, pois as categorias de dever não se aplicam ao âmbito individual.<sup>10</sup> Portanto, o

---

<sup>8</sup> GONÇALVES, T. G., et al, O ressentimento, p. 387-397.

<sup>9</sup> KEHL, M. R., Ressentimento, p. 11.

<sup>10</sup> JUNG, C. G., Sobre sentimentos e a sombra, p. 69.

ladrão e o ressentido estão inseridos no mesmo campo, o do individualismo. A mesma sombra que encobre o ladrão é usada pelo ressentido para esconder-se da realidade. O primeiro quer sempre ter para si o que pertence a outrem; o segundo quer sempre transferir para um outro a culpa que é somente sua.

## 2. Caim, o ressentido

A história narrada em Gn 4,1-16 apresenta a saga dos dois primeiros filhos de Adão e Eva. Adão (אָדָם - *'ādām* = ser humano, pessoa)<sup>11</sup> “conhece” Eva (חַוְוָה - *hawwāh* = cheia de vida, a vivente);<sup>12</sup> desse encontro fecundo da humanidade com a vida nascem seus dois primeiros filhos. O primeiro é Caim (קַיִן - *qāin* = lâmina[da lança]),<sup>13</sup> que tornou-se agricultor. Segundo I. Mazzarolo, ele representa os povos sedentários, aqueles que começam a organizar as cidades, estabelecer relações comerciais e, por isso, “inauguram” um sistema de exploração através da fixação de preços para as coisas, da tributação dos bens e dos serviços gerando desigualdade socioeconômica; o desdobramento desse sistema acaba oferecendo luxo para poucos e distribuindo os custos para muitos.<sup>14</sup> Em contraponto, Abel (חַבְלָה - *hābēl* = sopro, ou também filho)<sup>15</sup> – o irmão mais jovem – era pastor e representava, segundo M. B. Souza, os povos nômades, justamente os explorados, aqueles que já não tinham sua terra e, por isso, obviamente, não podiam estabelecer-se em um lugar; eram os hebreus (ou israelitas).<sup>16</sup>

A história de Caim e Abel não está isolada na Bíblia, aliás, nada na Sagrada Escritura está isolado, nenhum texto é “sozinho”. Nossa narrativa está inserida na dinâmica do Pentateuco (ou Torá), sob um contexto histórico específico. Existem muitos paralelos, semelhanças, analogias com outros textos do mesmo bloco, porque existe uma unidade nesse conjunto. Entrar no momento histórico da redação do livro do Gênesis é um movimento fundamental para compreendermos os motivos que fizeram o autor sagrado lançar mão desses recursos. Faremos isso a seguir.

---

<sup>11</sup> SCHÖKEL, L. A., אָדָם, p. 27.

<sup>12</sup> SCHÖKEL, L. A., חַוְוָה, p. 213-216.

<sup>13</sup> SCHÖKEL, L. A., קַיִן, p. 380.

<sup>14</sup> MAZZAROLO, I., Gênesis 1-11, p. 184-186.

<sup>15</sup> SCHÖKEL, L. A., חַבְלָה, p. 166.

<sup>16</sup> SOUZA, M. B., Nossos pais nos contaram, p. 27.

## 2.1. O contexto histórico do Gênesis

Durante o período do exílio em Babilônia (de 598 a 538 a.C.) muitas reflexões a respeito dos males que acometiam o povo marcaram a vida dos hebreus. Eles já não estavam mais em sua terra, prometida por Deus, Canaã. Mesmo assim, mantiveram suas tradições contadas oralmente de uma geração para outra – dos Patriarcas aos reinados de Davi e Salomão –, até o momento em que decidiram registrar por escrito para que as gerações futuras pudessem aprender com os erros e acertos de seus antepassados.

O momento da redação final do Pentateuco – bloco que abarca o livro do Gênesis – é a época de Esdras (450-400 a.C.). Ela, porém, é um trabalho de muitas mãos. Apresentaremos agora alguns estudos de exegetas que se dedicam ao bloco em questão.

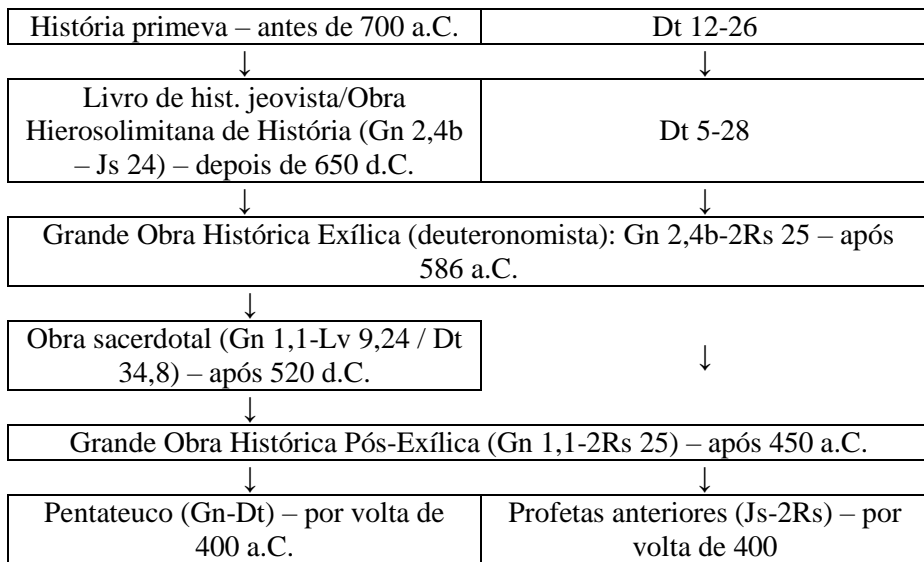
Um levantamento feito por J. Konings, aponta para uma teoria de composição do Pentateuco. No séc. X a.C., já podem ter existido documentos que vão da narrativa da criação (Gn 2,4b), até o livro dos Números. Nesse apanhado, conhecido como “Tetrateuco”, predomina o uso do nome YHWH (יהוה) e, por isso, pertence à tradição chamada Javista (J). Entretanto, existem fragmentos que narram a história a partir dos patriarcas (Gn 15,1b) até a história de Israel no deserto. Esses escritos trazem, predominantemente, um nome genérico de Deus, (אֱלֹהִים - ‘*elohîm*’),<sup>17</sup> sendo então pertencente à tradição Eloísta (E). Ainda há um terceiro documento que compila tradições relativas ao culto, especialmente no livro do Levítico. Por apresentar essa característica cültica, os estudiosos o denominam “código Sacerdotal” (P – *Priesterkodex*). Por último, existe uma tradição separada, que tem sua origem na Lei, especialmente no bloco Dt 12-26 encontrado durante a reforma do rei Josias (640-609 a.C.). Por causa de sua estreita relação com a Lei, essa tradição é chamada Deuteronomista (D - Deuteronomio = segunda Lei ou cópia da Lei). As tradições J, E e P formam, então, o “Tetrateuco” (Gn, Ex, Nm, Lv). A este bloco é incorporado o livro do Deuteronomio numa redação final “sacerdotal” que inclui a narrativa (ou hino) da criação em sete dias descrita em Gn 1,1-2,4a.<sup>18</sup>

T. Römer e C. Nihan apresentam teorias mais recentes relacionadas à formação do Pentateuco. Os estudiosos descartam as possibilidades de um bloco único de Gn-Nm, ou até mesmo de Gn-Dt num estágio pré-sacerdotal. Segundo seus estudos, a obra pré-sacerdotal são: os dois códigos independentes (Ex 20,22-23,33 e

<sup>17</sup> DÍAZ, J. L. S., Introdução ao Antigo Testamento, p. 82.

<sup>18</sup> KONINGS, J., A Bíblia, sua origem e sua leitura, p. 75-77.

Dt 12-26); o relato das origens em Gn 1-11; os relatos sobre os Patriarcas (Gn 12-25; 26-36) e um mito que relata a saída do Egito que se estende, provavelmente, até Ex 14. Os dois pesquisadores trazem a conclusão dos estudos de E. Zenger<sup>19</sup> – a mais aceita pelos estudiosos da atualidade –, que apontamos aqui esquematicamente:<sup>20</sup>



Depois desse longo trajeto, está formado o Pentateuco que passa a ser a bússola de Israel na retomada da caminhada ao encontro de seu Deus. É nesse cenário que surge também a reflexão a respeito da escalada do mal. Ao primeiro degrau dessa ascensão, o assassinato de Abel, atribuímos o ressentimento de Caim. Muitos questionamentos sobre nossas origens povoam as meditações do povo, desde os mais simples até os mais eruditos. É preciso saber como tudo começou, inclusive a origem do mal e do pecado. Então, para entender o presente, é preciso olhar para o passado, dar alguns passos atrás, observar a história vivida pelos antepassados para ter clareza sobre a própria história. Esse movimento de “voltar atrás” é muito comum em toda a Sagrada Escritura.

<sup>19</sup> A teoria do teólogo Erich Zenger (2004) está em sua obra *“Die Bücher der Tora/des Pentateuch*.

<sup>20</sup> RÖMER, T.; et al., Antigo Testamento, p. 108-140.



Podemos ver, então, que as perguntas que perturbam a humanidade – Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? –, não são frutos da modernidade, mas são questões que atravessam os tempos, desde os primórdios. As duras experiências vividas durante o cativeiro são as razões para que os israelitas buscassem restabelecer sua relação com seu Deus. Para isso, procuram rememorar a Aliança e instituir um “código de conduta”, a Torá (Lei), ou Pentateuco na tradição cristã. Em Gn 1–11, os relatos da criação divina, da queda da humanidade e da escalada do pecado – tendo seu ápice na insanidade de Babel –, parecem querer indicar que os males do mundo são fruto da corrupção humana, do afastamento do povo de seu Deus. É uma “pedagogia de choque” na tentativa de reatar o relacionamento Povo-Deus outrora rompido. Revisitar a história é sempre uma maneira honesta para caminhar em direção à superação de tudo aquilo que nos afasta do Criador.

## 2.2. Oferta ou sacrifício? – Gn 4,1-4a

No conjunto de ritos daquele povo, apresentar oferendas ao Deus de sua fé era uma prática comum. Essa oferta (מִנְחָה - *minḥāh*) tinha como objetivo fazer homenagem ou estabelecer aliança; o uso de cereais ou animais, segundo Kidner, era comum nos rituais, como podemos ver em Lv 2,1 e 1Sm 2,17.<sup>21</sup> Porém, o substantivo *minḥāh* é mais frequentemente usado na Bíblia para designar oferta de cereais. J. McKenzie, entretanto, faz uma distinção muito clara entre o uso de cereais e de animais durante o ritual. Quando discorre a respeito do verbete “sacrifício” em seu dicionário, o autor indica que as oferendas de cereais são um acompanhamento da imolação de animais, fazendo do sacrifício uma refeição completa.<sup>22</sup> Ressaltemos aqui que se trata do “Israel da fé” falando dos primórdios, ou seja, de um período muito distante, conhecido, até então, pela tradição oral. E esse povo já é resultado de uma miscigenação de muitos outros de origem semita, mas que desenvolveu uma certa uniformidade religiosa. As ofertas ou sacrifícios israelitas trazem consigo elementos de rituais também sacrificiais de culturas vizinhas.

Embora o substantivo hebraico designado para sacrifício seja *qorbān* (קָרְבָּן), a perícope que estamos analisando usa, repetidas vezes, o substantivo *minḥāh*. Isso porque o termo é de uso primitivo, utilizado para definir um tributo. Com o tempo,

<sup>21</sup> KIDNER, D., Gênesis, p. 70.

<sup>22</sup> MCKENZIE, J. L., Sacrifício, p.748-752.

passou a ser utilizado para oferenda de cereais. O substantivo *minhāh* encontra-se, com maior frequência, nas prescrições de rituais de corrente sacerdotal no Pentateuco. Relembrando que essa oferenda de cereais é quase sempre uma complementação da oferta de animais, como podemos ver em Jz 13,19.23; 1Rs 8,64; 2Rs 16,13-15; Is 43,23; 57,6; 66,3; Jr 17,26; 33,18; Ez 46,5.7.11.14.20.<sup>23</sup>

O irmão mais velho, Caim, oferecia a Deus produtos da terra (v.3), enquanto o mais moço oferecia as primícias e a gordura de seu rebanho (v.4a). O Deus de Israel se agradava com as oferendas de Abel (v.4b), mas não com as de Caim (v.5a). D. Kidner conclui que não é a falta de sangue o fator que desmerece a oferta de Caim, mas a arrogância de seu espírito.<sup>24</sup> Abel apresenta a Deus o que ele tem de melhor a oferecer, que são as primícias de seu rebanho, os primogênitos. Por outro lado, Caim também oferece o que ele tem: ninguém pode oferecer o que não tem. Certamente, do ponto de vista ritualístico, não parece haver diferença cültica entre as oferendas dos irmãos; não se trata de oposição entre oferta e sacrifício. O que se esconde atrás de cada oferta é o espírito que cada irmão traz ao apresentá-las.

De maneira sucinta, podemos dizer que os irmãos simbolizam a divisão dos povos a partir das tensões nas relações; enquanto um povo oferece a seu Deus aquilo que há de melhor – os animais primogênitos e sua gordura – outro povo oferece aquilo que é fruto da injustiça e, ainda mais grave no ponto de vista religioso, aquilo que sobra. De outra forma, Caim oferece algo que não representa sua conduta cotidiana. Faz apenas uma “encenação”, tentando mascarar a sua maldade no trato com o irmão, sob o véu de um culto superficial; utiliza-se de estética para tentar compensar a falta de ética.<sup>25</sup>

Sendo, conforme já vimos anteriormente, a oferta de cereais uma complementação da oferta de animais, talvez possamos supor que o ritual fica incompleto com o comportamento de Caim. Se o sacrifício se plenifica com o banquete completo – o animal e os cereais –, quando um dos ofertantes não está por inteiro no ritual, a lacuna que se abre não permite o fechamento do culto, isto é, quebra-se um elo, perde-se uma conexão. A Caim cabia a função de concluir o ritual; ele deveria apresentar os frutos da terra e completar o banquete. Essa ação indica que a relação com Deus deve começar nas relações humanas, na manutenção da fraternidade universal: povos irmãos que se relacionam com o

<sup>23</sup> McKENZIE, J. L., *Sacrifício*, p.748-752.

<sup>24</sup> KIDNER, D., *Gênesis*, p. 70.

<sup>25</sup> MAZZAROLO, I., *Gênesis 1-11*, p. 184-187.

Criador em cooperação. Mas Caim parece não querer aceitar seu lugar na história. Ele quer sempre o que é do outro. Nessa tensão entre camponeses e pastores, os primeiros querem subjugar seus irmãos, quebrando a ordem fraternal estabelecida por Deus. O que resta em Caim é o ressentimento.

### 2.3. O ressentimento de Caim levado às últimas consequências (Gn 4b-16)

O fato de Deus se agradar com a oferta de Abel (v.4b) deixa Caim irritado e com o rosto abatido (v.5b). A partir do v. 6, o diálogo que acontece entre Deus e Caim nos fornece importantíssimas chaves de leitura do texto, porque revela características no irmão mais velho relacionadas ao ressentimento, tema que estamos abordando: semblante alterado, rosto voltado para o chão, insegurança, medo.<sup>26</sup>

Mesmo que o primogênito de Adão e Eva tente esconder sua frustração, nada pode escapar aos olhos de YHWH. Quando Deus pergunta pela condição de Caim, oferece a ele, imediatamente, a oportunidade de fazer diferente; ele tem a chance de “levantar a cabeça” (que significa superação, soerguimento), porque alguém acuado, encurvado, está sempre vulnerável à ação do pecado (v.7). Mas, como já visto, o ressentido é aquele que não quer perdoar, mesmo que tenha oportunidades e, mais ainda, não quer perdoar a si próprio. No lugar da busca pela redenção, o irmão mais velho leva seu ressentimento às últimas consequências e tira a vida de Abel (v.8). Longe de ser um crime onde a explosão emocional seja o fator preponderante, o atentado de Caim é algo premeditado, planejado, típico do ressentido. Primeiro ele convida o irmão para um lugar isolado: “saíamos” (v.8a); já em local ermo, no campo, tira-lhe a vida (v.8b). Não é um ato de vingança contra o irmão mais jovem, mas uma afronta a Deus, de quem Caim cultiva o ressentimento. E quando Deus pergunta por Abel, não pergunta simplesmente pelo homem, mas usa o termo “teu irmão” (אֶחָיוֹ).<sup>27</sup>

A fraternidade, a unidade essencial da humanidade está por trás do questionamento de Deus, para deixar bem claro que a relação se dá entre irmãos, e irmãos não deveriam travar conflitos. Essa pergunta alude àquela dirigida a Adão: “Onde estás?” (Gn 3,9). Na verdade, as perguntas dirigidas a Adão e a Caim são eco uma da outra.<sup>28</sup> Essas indagações indicam um Deus que

<sup>26</sup> MAZZAROLO, I., Gênesis 1-11, p. 194-195.

<sup>27</sup> TORRALBA, J. G., Comentário ao Antigo Testamento, p. 59-60.

<sup>28</sup> ARANA, A. I., Para compreender o livro do Gênesis, p. 84.

sempre vai ao encontro do ser humano, quer saber onde estamos para oferecer, infinitamente, oportunidade de reconciliação conosco e com Ele.

A curta resposta de Caim nos diz muita coisa: “Não sei. Acaso sou guarda de meu irmão?” (v.9). Nota-se, nessa reação, seu grito ressentido; todo aquele rancor preso em sua alma liberta-se e ecoa nas palavras que saem de sua boca. No lugar de fazer o movimento de superação da mágoa, de realizar o rito de forma digna, deixa o ressentimento aflorar nele o pior do ser humano, a ponto de atentar contra a vida do outro, não de um outro qualquer, mas de seu irmão. Quando um irmão se considera o dono da vida do outro, a Bíblia classifica essa conduta, pela primeira vez, por “pecado”.<sup>29</sup> Assim, Caim representa todo aquele que mata o irmão, ou seja, leva o ressentimento às últimas consequências ao invés de buscar uma vida baseada na justiça e na fraternidade.

O v. 10 apresenta um Deus que sempre ouve o clamor de seu povo. Embora Caim tente esconder a tragédia acontecida, o grito do sangue de Abel ressoa nos ouvidos de YHWH. É um Deus atento ao sofrimento dos mais vulneráveis (Ex 3,7), pronto para estabelecer a justiça e o direito. A justiça de Deus não pode ser confundida com o jeito humano de resolver os problemas. Não cabe antropomorfismos quando falamos daquele que é O Ser por excelência. O ser humano se vinga, Deus promove justiça, é assim que Ele se autodefine no Antigo Testamento (Ex 34,6-7), conforme conclui S. Díaz, e é essa face que o salmista reconhece (Sl 86,15; 103,8-14; 145,8-9.<sup>30</sup> Por isso, a expulsão de Caim é, na verdade, uma fuga. Como define I. Mazzarolo, a liberdade de Caim destrói a árvore do Conhecimento, mas a vida pertence somente a Deus, essa árvore permanece intacta; a morte de Abel não o silencia.<sup>31</sup> Caim decide fugir da vida. Já não há lugar para ele na terra manchada pelo sangue do irmão que ele derramou. Ela é testemunha de seu crime (v.11). O irmão mais velho está em perigo agora; está sujeito a uma dura lei mosaica descrita em Ex 21,12-17:

Quem ferir outro e causar a sua morte, será morto. Se não lhe armou cilada, mas Deus lhe permitiu que caísse em suas mãos, eu te designarei um lugar no qual possa se refugiar. Se alguém matar outro por astúcia, tu o arrancarás até mesmo do meu altar, para que morra. Quem ferir seu pai

<sup>29</sup> BORTOLINI, J., Pentateuco e História Deuteronomista, p. 17.

<sup>30</sup> DÍAZ, J. L.S., Introdução ao Antigo Testamento, p. 38-39.

<sup>31</sup> MAZZAROLO, I., Gênesis 1-11, p. 198.

ou sua mãe será morto. Quem raptar alguém e o vender, ou for achado na sua mão, será morto. Quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe será morto.

De acordo com D. Kidner, Caim recebe palavras ainda mais duras do que aquelas ditas a Adão; Deus afirma que ele é maldito (v.11).<sup>32</sup> Deus não diz “será amaldiçoado”, mas diz “és maldito”, ou seja, Caim já carregava, ou melhor, cultivava em si o mal que o fez assassinar o irmão. Deus não amaldiçoa, apenas traz à luz uma escolha exclusivamente humana. Não é apenas o ato de matar um irmão que amaldiçoa a pessoa, mas especialmente o sentimento anterior que confabula um atentado contra a vida do outro. Um comportamento maldito, porque quebra um preceito estabelecido na Lei: “não matarás” (Ex 20,13) e “não te vingarás e não guardarás rancor contra os filhos do teu povo” (Lv 19,18). Ainda assim, há sempre uma oportunidade, porque YHWH é o Deus da vida e sempre pertence a Ele a última palavra.

Diante do reconhecimento da culpa por parte de Caim (vv. 13-14), Deus vem também em seu socorro. Quando banido, precisa se abrigar em Nûd, uma cidade-refúgio.<sup>33</sup> Diante dos riscos que Caim corria, Deus se coloca como seu protetor, uma espécie de resgatador (גֹּאֵל - *go'el*); insere nele uma marca, um sinal, não como um castigo, um estigma, mas como proteção (v.15). Diante de tamanha tragédia, o movimento de Deus é sempre de oportunidade de redenção para a humanidade. Para Caim, Ele propõe um soerguimento (v.7), provoca a confissão da culpa (v.13), vem ao pecador como aquele que põe um sinal para protegê-lo (v.15). A última palavra sempre pertence a YHWH, e esta palavra é sempre de recomeço, de vida, de superação do ressentimento.

## Conclusão

Para o israelita, a configuração do mundo que se apresentava naquele momento histórico começou quando um povo ressentido resolveu eliminar o outro por não suportar sua vida baseada na justiça. Caim é o primeiro degrau na escalada do pecado; a partir de sua descendência a cultura da violência se instaura na terra (Gn 4,23-24). A reflexão sobre o ressentimento de Caim, feita pelos redatores do livro do Gênesis, serve como processo pedagógico para as gerações futuras, para

---

<sup>32</sup> KIDNER, D., Gênesis, p. 71.

<sup>33</sup> As cidades-refúgio abrigavam bandidos, mas também inocentes injustamente perseguidos.

que estas vivam de acordo com o senso universal de justiça. Também é um ensinamento hoje para nós que professamos a fé no Cristo de Deus.

Caim e Abel são arquétipos de um fratricídio primordial, como sugere J. L. Ska;<sup>34</sup> um exemplo de como um ressentimento cultivado leva a um estranhamento, “irmão desconhece irmão”, como diz a música Pecado Capital, de Paulinho da Viola. A sabedoria israelita não quer, com este texto, exaltar a figura justa de Abel, mas alertar para uma conduta que jamais deve ser adotada pelo povo que, segundo a tradição de Israel, é escolhido para estabelecer a justiça de Deus no mundo. Caim é o ressentido que precisa ser vencido em cada um de nós. O sangue dos inocentes, derramado na terra pelos poderosos, grita, clama, reivindica justiça e Deus ouve, se compadece e responde (Gn 4,10). E a resposta de Deus se dá a partir da bênção, porque bênção e promessa são os dois temas teológicos centrais do livro do Gênesis.<sup>35</sup> O fratricídio rompe a relação humano-Deus, traz o caos.<sup>36</sup> Mas em resposta ao clamor do sangue inocente, Deus explicita o valor que o homem tem e “substitui” Abel por Set – um irmão ainda mais jovem – e abençoa sua descendência até Noé, o libertador.<sup>37</sup>

O ressentimento de Caim atravessa toda a história da humanidade. O nazismo, o stalinismo e tantos outros regimes totalitários que elegem um inimigo para servir como “bode expiatório” de suas frustrações, são permeados pelo mesmo pensamento. O ressentido odeia; é aquele recalcado que justifica suas mágoas na condenação de inocentes tornados culpados por ele. Novos “Cains” surgem o tempo todo. A cultura da justiça presente no ensinamento judaico-cristão, assim como em outras tradições religiosas, é sempre uma resposta qualificada diante da barbárie. Um mundo melhor só pode ser construído sobre o alicerce da justiça – que nunca pode ser confundida com vingança – e essa justiça só pode ser estabelecida plenamente com a superação do ressentimento.

Para Liev Tolstói, o cristão, por exemplo, deveria não resistir ao mal e não combatê-lo com as mesmas armas;<sup>38</sup> ele deve ser o promotor de uma revolução pacífica, assim como Jesus de Nazaré. A paz e a justiça nesse contexto religioso não significam subserviência, mas uma vida combativa e pacífica, por mais que pareça contraditório. São Francisco de Assis é um exemplo bastante claro. Diante

---

<sup>34</sup> SKA, J. L., O canteiro do Pentateuco, p. 28.

<sup>35</sup> LÓPEZ, F. G., O Pentateuco, p. 62.

<sup>36</sup> TORRALBA, J. G., Comentário ao Antigo Testamento, p. 60.

<sup>37</sup> KIDNER, D., Gênesis, p. 74-75.

<sup>38</sup> TOLSTÓI, L., O Reino de Deus está em vós, p. 183-202.

do chamado do Senhor para reconstruir a Igreja, prontifica-se, pacificamente, a combater o modelo imperial da época sem promover um cisma. Propõe uma forma de vida de acordo com a mensagem mais pura do Evangelho em oposição à estrutura vigente que se distanciava da mensagem de Jesus.

Talvez, a história de Caim e Abel possa ajudar-nos na superação de comportamentos ressentidos, na abertura para o movimento sempre amoroso de Deus, na receptividade da Boa Nova de Jesus, resistindo ao mal para que, em nós, a luz de Deus resplandeça no mundo.

### Referências bibliográficas

- ARANA, A. I. **Para compreender o livro do Gênesis**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012.
- BORTOLINI, J. **Pentateuco e História Deuteronomista**. Aparecida: Santuário, 2018.
- DÍAZ, J. L. S. **Introdução ao Antigo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- ELLIGER K.; RUDOLPH, W. (Eds.). **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. 5.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 1997.
- GONÇALVES, T. G.; SILVA, C. M.; MACEDO, M. M. K. O ressentimento: reflexões a partir de um caso clínico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, n. 16, p. 387-397, set. 2013.
- JUNG, C. G. **Sobre sentimentos e a sombra**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- KEHL, M. R. **Ressentimento**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- KINDER, D. **Gênesis: Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1979.
- KONINGS, J. **A Bíblia, sua origem e sua leitura**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LÓPEZ, F. G. **O Pentateuco: Introdução ao estudo da Bíblia**. São Paulo: Ave-Maria, 2004. v.IIIa.
- MAZZAROLO, I. **Gênesis 1-11: E assim tudo começou...** Rio de Janeiro: Ed. Mazarolo, 2003.
- McKENZIE, J. L. Sacrifício In: McKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983. p. 748-752.



- NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- RÖMER, T.; MACCI, J. D.; NIHAN, C. **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2010.
- SCHÖKEL, L. A. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 27-30.
- SKA, J. L. **O canteiro do Pentateuco**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- SOUZA, M. B. **Nossos pais nos contaram: nova leitura da História Sagrada**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- TOLSTÓI, L. **O Reino de Deus está em vós**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- TORRALBA, J. G. et al. **Comentário ao Antigo Testamento**. São Paulo: Ave-Maria, 2002. v.I.

***Marcelo dos Santos Lessa***

Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro / RJ – Brasil  
E-mail: mslessa@gmail.com

Recebido em: 03/03/2022

Aprovado em: 02/06/2022